



IDENTIDADES EM JOGO NUMA TURMA DE FUTEBOL DE MULHERES

Alexandre Jackson Chan-Vianna¹

Projetos sociais cada vez mais aparecem como alternativa de ação para enfrentamento das desigualdades sociais. O esporte, nesses programas, é visto como atividade atrativa para inclusão e educação de crianças e jovens. Entretanto, o esporte tem sido analisado, no meio acadêmico, como espaço generificado e de perpetuação da condição de inferioridade das mulheres em relação aos homens². Nos dois casos, pouco se está atento para o estudo do cotidiano, a partir das interações sociais dos atores³. Este trabalho pretende, então, demonstrar como uma turma exclusiva de mulheres se constituiu em um desses projetos, revelando identidades e relações de poder que constituíam o cenário. Apresento as vozes das veteranas e, também, analiso as ações entre elas e as novas pretendentes a ingressar na turma. Demonstro como se estabeleciam pactos entre as veteranas, como estas efetivavam a liderança e em que condição as novas pretendentes foram incorporadas por elas na turma.

Além do esporte, aponto temas como sexualidade e amizade, que elas demonstraram ser significativos naquele momento. Apresento a diferenciação de classe social, idade e desempenho esportivo, como elementos fundamentais que interferiram nas interações dessas mulheres. Nos termos de Strauss, esses são exemplos de “dilemas de status⁴”. Para o autor, as pessoas de mesmo status, quando compartilhando qualificações secundárias, trabalham juntas com relativa facilidade. Entretanto, na ausência de algumas dessas qualificações, ou na presença de outras, a interação é perturbada. A partir desses dilemas, analiso alguns mecanismos de seletividade que garantiram o espaço privilegiado das líderes.

Os dados têm origem em observação participante⁵, realizada como parte de um estudo etnográfico mais amplo sobre a participação de mulheres nos esportes de tradição e predomínio masculino⁶. Foram observadas praticantes de futebol, adolescentes e jovens, de um projeto social localizado em um centro esportivo (CE) do subúrbio do Rio de Janeiro. As atividades esportivas do projeto eram orientadas por professores de educação física e os agenciadores políticos propunham,

¹ Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho/ RJ. Contato alexandrejackson@gmail.com

² Ver uma análise da produção acadêmica da Educação Física em CHAN-VIANNA; MOURA; MOURÃO (2009).

³ Goffman (2007)

⁴ Strauss (1999).

⁵ Becker (1997, 2007).

⁶ Chan-Vianna (2010).



como diretrizes, complementar a educação escolar, melhorar a qualidade de vida e promover a inclusão social. O CE era o principal local público de lazer da região. O futebol, no contexto, era reconhecido como *esporte mais de homem*⁷. A participação de mulheres era estigmatizada⁸, pois as praticantes recebiam acusações de serem masculinizadas e homossexuais. Apesar do contexto sociodemográfico da região apresentar o pior índice de desenvolvimento humano (IDH) do município, as praticantes de futebol apresentavam condições sociais compatíveis para permanecerem em uma atividade de lazer esportiva.

Como local de livre acesso, o CE reunia representantes de todas as camadas sociais e de várias localidades da região. Entretanto, por atender até 15 mil pessoas por semana nas atividades, estava presente no CE, de forma incisiva, a heterogeneidade típica das metrópoles, com variedade de grupos sociais e alto grau de renovação dos usuários. Tal contexto tende a “desestabilizar estruturas sociais rígidas” e a produzir maior insegurança numa instituição. Nessa condição, uma instituição só consegue atender às necessidades das massas e “o indivíduo, portanto, somente se torna eficaz agindo através de grupos organizados⁹”. Assim, a eficácia para a construção de um espaço de atividade esportiva para as praticantes dependeria da formação de um grupo organizado e “a afiliação a um grupo ou estrutura social permanente implica, inevitavelmente, a passagem de um status para outro”.¹⁰

O contrato informal

Numa camada de argumentação superficial, as representações sobre a importância do futebol eram definidas do seguinte modo, como dito por uma das líderes mais veteranas do local:

É paixão e amizade. É gostar muito do esporte e da galera que está lá, sabe? No geral, se você for perguntar, pode ter certeza que vai sair isso. A ligação só pelo esporte e a amizade que é feita no jogo.

Apesar de uma grande demanda interessada pelo esporte, o futebol para mulheres no CE havia estado na eminência de terminar em razão de acusações morais que davam conta da proliferação de comportamentos homossexuais, inadequados para a formação de jovens meninas e para o *ambiente sadio* do local. O resultado dessa tensão foi a saída das mulheres mais marcadamente estigmatizadas e a ascensão de nova liderança na turma, que atendia às condições de imagem feminina imposta pelos agenciadores do local.

⁷ Utilizo itálico para identificar os termos nativos no contexto estudado.

⁸ Goffman (1988).

⁹ Wirth (1967), p.122.

¹⁰ Strauss (1999), p.108.



O que esse contrato informal, que fundou a nova turma, solucionou, no cenário, não foi a exclusão de mulheres homossexuais do CE. A mudança significativa ocorrida com o início da nova turma foi a eliminação da imagem de uma feminilidade desviante que as antigas frequentadoras geravam publicamente no ambiente do CE. As novas líderes do local optaram por preservar a ordem tradicional de feminilidade exigida, e que conseguiam facilmente apresentar, o que amenizou a percepção do futebol como um local de encontro de mulheres homossexuais.

Essas líderes da nova turma eram jovens de famílias com condições sócio-econômicas privilegiadas no local. Seus pais faziam questão de manter as filhas nas melhores escolas privadas, bem como, de frequentar os lugares mais abonados da região. A percepção de pertencimento a uma classe social superior deveria estar em consonância com um comportamento público considerado conveniente e respeitado naquele local, o que incluía a forma de se vestir e de se apresentar, o vocabulário, os valores expressos e os gestos e atitudes considerados adequadamente femininos.

O CE era um local privilegiado de prática de esporte na região e também de contatos mistos. Como espaço público, circulavam ali, entre tantos desconhecidos, muitas pessoas ligadas aos outros significativos das praticantes - colegas de escola ou trabalho, parentes, vizinhos, amigos. O núcleo original da nova turma e suas amigas passaram pela necessidade de equalizar o desejo de jogar naquele local com o estigma que elas não suportavam conviver. Elas aproveitaram a saídas das mulheres marcadamente estigmatizadas para tornar hegemônico o modo de compreender e agir na situação. Assim, se apropriar dos códigos dessas líderes passou a ser fundamental para que as novas pretendentes permanecessem na turma do CE. Apresento a seguir alguns dos mecanismos de seletividade que as líderes utilizavam no cotidiano.

As aulas

O cotidiano das líderes nos dias de aula demonstrou como a turma foi se consolidando e como as novas pretendentes se conformavam para permanecer jogando. Esse processo foi constituído pelo círculo das líderes - o núcleo original da nova turma e algumas veteranas da antiga turma com muita afinidade com elas - fazendo com que as pretendentes gravitassem entorno dessa fronteira até conseguirem penetrá-la.

A aula de futebol no CE tinha duração de 60 minutos, no meio da tarde. O encontro entre elas começava, no entanto, duas horas antes e terminava no final da tarde, ou poderia seguir pelo início da noite. Uma das líderes explicava, da seguinte forma, a rotina de chegada e saída do CE nos dias de futebol, ainda nos primeiros meses de formação do grupo:



Todo dia é assim, cada uma vem do seu lado, se encontram no centro e vão pro CE conversando. Na hora de ir embora é do mesmo jeito, vão juntas, chegam no centro vai cada uma pro seu canto.[...] Se não for ali a gente não tem outro lugar pra se ver. Engraçado que todo mundo tem o telefone de todo mundo, mas não liga. Se não for lá a gente não se vê. Eu sou uma que eu só ligo pra encontrar no centro e ir junto conversando. Ou então, na internet, é só isso: “Ah, vai hoje?” “Vou.” “Ah, não vai?” “Não Vou.”

Quase todas possuíam celulares e era convencional que as novatas trocassem os respectivos números com as veteranas, quando conseguissem conversar com elas. A intenção do contato prévio à aula era confirmar se haveria praticantes suficientes para jogar nos dias da aula. A rede de comunicação funcionava de forma que existisse previsibilidade. Assim, uma praticante poderia definir se iria à aula de acordo com quantas e quais estivessem presentes.

A rede de comunicação por celular funcionava como instrumento de seleção das novas pretendentes. Em quase todos os encontros, antes do início de aula, as *meninas* conversavam sobre quem iria e quem não iria aparecer. O diálogo entre elas ocorria da seguinte forma:

A: E aí ligaram pras meninas? Quem vem?

B: Eu liguei pra X, ela disse que vem, mas liguei pra Y ela disse que tinha compromisso, não sabia se ia conseguir vir e perguntou quem mais viria.

C: Eu liguei pra X e Y. X disse que vinha certo. Em Y eu dei um esporro¹¹ quando me mandou essa letra¹², falei pra parar de caô¹³ e vir, senão a gente ia zoar¹⁴ muito com ela depois. Aí ela disse que vinha. Alguém aí ligou pra Z?

A: Eu não.

B: Eu também não. Você ligou?

C: Nem eu. Na última aula parece que ela disse que ia aparecer aí, não sei.

Existia nas confirmações de telefonemas um voto de aceitação ou rejeição para as novas pretendentes ao grupo. O encontro antes do início da aula era uma avaliação, um tanto velada e até inconsciente, para que cada uma soubessem quantas do círculo das líderes estavam dispostas a incorporar determinada pretendente. Com a avaliação positiva nessas pequenas comissões, mais chance haveria de receber telefonemas no futuro. Certamente, quanto mais uma menina recebesse telefonemas mais se sentiria aceita no grupo e motivada a ir à aula, mas o importante era que o sistema tornava a decisão coletiva e impessoal, eliminando julgamentos que comprometessem uma delas isoladamente com a inclusão ou exclusão de qualquer pretendente.

¹¹ Bronca; chamada de atenção.

¹² Informação

¹³ Mentira, dissimulação

¹⁴ Nesse contexto: ridicularizar publicamente; fazer chacotas e brincadeiras. O termo é bastante fluido e pode conter diversos significados, inclusive ser, as vezes, pejorativo, as vezes, positivo.



O jogo

Apesar de acontecer em uma quadra de futsal e ser disputado com 5 jogadoras de cada lado, o jogo seguia as regras do futebol de campo. Comumente, essa é a escolha de quem joga futebol como atividade recreativa, sem perspectivas de participar de eventos oficiais ou torneios. Eliminando as regras específicas do futsal, o jogo passa a ter um fluxo mais contínuo, sem impor limites as ações do jogador. Era exatamente essa a característica técnica do jogo das *meninas* na aula.

Existiam três modos de dividir os times: i) O professor, diretamente, escolhia quem formaria os times; ii) O professor escolhia duas jogadoras – sempre veteranas – que escolheriam, alternadamente, todas as outras; e iii) as meninas escolhiam, espontaneamente, a divisão dos dois times e informavam ao professor a decisão. Nos três, sempre que existiam mais de 10 alunas, as que não fossem escolhidas esperavam, sem critério de tempo, o momento de jogar. Esse é o modelo em treinos de equipes focadas no desempenho atlético, onde reservas aproveitam o descanso de titulares para ganhar oportunidade no time. Nenhum desses critérios estava explícito, mas a divisão, feita como um consenso silencioso, equilibrava os times, privilegiava o tempo das líderes em campo e garantia a escolha que elas desejavam a cada dia.

Entre as líderes a cordialidade imperava. Não havia cobrança quanto à atitude tática. As posições eram definidas espontaneamente. Cada uma ia para seu lugar habitual do campo sem qualquer comando, fosse do professor ou de uma delas. A única crítica ao modo de se jogar estava no individualismo. Existia um sistema de anulação da preponderância de qualquer uma sobre as demais. Os diálogos após os jogos ocorriam como no exemplo

A: Vocês viram o gol da C? Só faltou sentar a goleira no chão.

B: Mas o passe da D foi meio gol.

C: É sim, se não fosse o passe na medida não teria espaço pra chutar.

D: A garota da defesa perdeu o tempo de cortar o passe.

A: É mesmo. E aquela goleira? Acho que ela nunca foi boa mesmo, né?

Nenhuma delas era alçada a condição de melhor do dia. Era importante para o círculo das líderes que todas estivessem bem ao final do jogo. Isso era feito minimizando o desempenho esportivo de cada uma até um nível semelhante entre todas. Da mesma forma, nenhuma delas contava vantagem sobre os próprios feitos, preferindo valorizar as outras. Quando uma *menina* era aceita no círculo das líderes, existia um esforço para que fosse reconhecida como igual às outras e o desempenho esportivo era um primeiro critério.



Essa atitude contrastava com a exigência de desempenho esportivo que as líderes faziam para as novatas de mesma idade serem incluídas no jogo. Uma das mais veteranas na turma e estudante de Educação Física, ao refletir sobre a própria condição de jogadora e, ao mesmo tempo, de aprendiz de educadora, explicava as atitudes necessárias para participar do jogo da seguinte maneira:

[...] tem horas que atrapalha. A verdade é essa. Fica num time assim que tem uma que, pô! [exemplificando] Quatro pra jogar, mas só três que jogam e a outra não te acompanha. Vai atrapalhar. Então tira. Isso é em qualquer jogo. Eu sou fominha, cara, mas depois que eu entrei pra faculdade aprendi. Eu melhorei cara.

[...] todo mundo aqui chegou lá. Todo mundo um dia era assim [sem saber jogar]. Eu tento ajudar aquela garota nova, mas vou falar - atrapalha. De coração, não vou ser falsa. Uma garota que chega nova diz que não vai treinar, caraca! Tu xinga muito. Tu sufoca de nervoso.

A diferenciação de cobrança de desempenho era um exemplo do que ocorria de forma mais ampla. O sistema de amenização das individualidades por meio de comentários ocorria internamente no processo de conformação ao grupo das líderes. Externamente - com as outras praticantes de futebol, com o professor, com o público mais geral do CE - existiam atitudes de afastamento, de silêncio e impessoalidade nas interações. Os dois eixos combinados - a não valorização do desempenho entre as líderes e a exigência de melhor desempenho das novatas - sustentavam as normas. Fosse na seleção dos times ou no momento do jogo, fosse com as novatas ou com as líderes, pouco precisava ser dito para que a dinâmica da aula girasse em torno das líderes e de acordo com diretrizes delas. Qualquer pessoa atenta podia perceber um clima de constrangimento contrastante com o que se espera de uma atividade recreativa. As aulas eram tensas. Somente as líderes riam ou faziam comentários sobre as jogadas.

A geração

Além da identificação do desempenho esportivo, somava-se outra distinção, a geracional. Assim como a líder de maior idade era chamada, carinhosamente, *Velha*, as menos experientes eram identificadas como *Novinhas*. Independente de classe social, *opção sexual*, ou formação escolar, as alteridades explícitas na turma baseavam-se principalmente na idade e no desempenho esportivo. Entretanto, a rotulação¹⁵ imputada pelas *Velhas às Novinhas*, mais do que a idade cronológica, coincidia com o tempo de experiência no mundo do futebol e a competência para manipular os códigos de sobrevivência para pertencer a uma cultura desviante.

¹⁵ Becker (2008)



As *Novinhas* recebiam privilégio de atenção das líderes nas aulas de *fundamentos*¹⁶ e conseguiam permanecer nas aulas mesmo sem ter o desempenho esportivo esperado ou alguma afinidade com as líderes. Uma das líderes explicava assim a condição que elas se encontravam

No CE tem um grupo certo e um grupo de meninas completamente novinhas. Na última terça-feira que eu fui, muita gente nova lá que nem sei quem é está tentando ficar, mas não tem uma aula de fundamentos. Elas chegam ali e ficam perdidas, não dominam as bolas. Nas aulas tem quem joga e ao mesmo tempo as novinhas. É uma coisa muito misturada. Tem que colocar uma ordem ali.

Como em outras representações, as explicações sobre as diferenças de idade e desempenho se confundiam com as questões de sexualidade. A proteção às *Novinhas*, que as líderes da turma exerciam, além do caráter de cumprimento do contrato informal com os agenciadores do CE para valorizar as iniciantes, era uma forma de orientar o caminho que elas deveriam seguir e os desafios que iriam enfrentar. Apoio, proteção e orientação estabeleciam dependência das *Novinhas* em relação às líderes da turma ao mesmo tempo que garantia o espaço reservado para a iniciação delas.

Importante analisar que a imposição das líderes sobre as *Novinhas* era resultado das experiências que viveram enquanto iniciantes. Essas experiências levavam as *Velhas* a valorizar dois conhecimentos para qualquer uma permanecer jogando – o desempenho esportivo e a habilidade de lidar com o estigma do futebol praticado por mulheres. Enquanto não houvesse domínio sobre essas duas dimensões, deixar uma pretendente à sorte com as *Velhas* seria decretar o insucesso da novata. Mesmo que as *Velhas* fossem elas próprias, as líderes. A posição que assumiam coincide com a análise de Strauss sobre as transformações de identidade da vida adulta, quando afirma que “o conselho de anciãos é o requisito necessário para qualquer passagem de *status* por quaisquer outros motivos que não seja o acaso, uma vez que todas as futuras etapas são claras apenas para aqueles que passaram por elas¹⁷”.

A limitação de oportunidades no jogo era, para as líderes, a melhor atitude para que as *Novinhas* i) não atrapalhassem o jogo; ii) se inserissem com o tempo no jogo; e iii) mantivessem as condições impostas para permanecer na turma. Caso entendêssemos que as líderes estabeleciam barreiras para as *Novinhas* no jogo, tenderíamos a criticar um quadro de exclusão, pois as *Velhas* detinham maiores cotas de poder na relação. Caso entendêssemos que as *Velhas* protegiam e ensinavam as *Novinhas*, tenderíamos a enaltecer a atitude inclusiva das primeiras em relação às segundas. Nenhuma das duas análises, separadamente, representaria a complexidade da questão. Pelas observações realizadas, não há como identificar se a iniciativa das líderes era prioritariamente de inclusão ou exclusão das novatas. O que parece mais coerente afirmar é que o resultado das

¹⁶ Tipo de atividade na aula que privilegia exercícios analíticos em detrimento da atividade lúdica do jogo.

¹⁷ Strauss (1999), p.116.



ações coletivas estabelecia uma condição, mesmo que tensa, que mantinha a turma em funcionamento.

Considerações finais

Afinidades que aproximam um grupo e os mantêm coesos são composições de extrema complexidade, tanto por serem diversas e dinâmicas, quanto por serem vivenciadas e expressas por cada indivíduo de forma diferente, em diferentes cenários. Em síntese, no local estudado as praticantes de futebol viviam “dilemas de status” e necessitavam equalizar as suas identidades com os valores e normas instituídos no local e preservados pelas líderes, a fim de manterem a condição de praticar do futebol.

Com o ingresso de pretendentes, nos termos de Strauss, “não qualificadas”, tornou-se necessário que o círculo das líderes selecionasse suas novas integrantes, para proteger sua condição de estabelecidas. Duas ações eram fundamentais para esse processo: i) Excluir quem desvirtuasse publicamente a imagem que elas pretendiam manter - vinculada à feminilidade tradicional das camadas médias da região - para minimizar os efeitos do estigma imputado as praticantes de futebol; e ii) garantir desempenho atlético mínimo, para manter uma condição ótima de satisfação e fruição no jogo para elas. A atitude afastada, o silêncio e a rede de comunicação que garantiam essa seletividade, do ponto de vista do círculo das líderes, eram estratégias, mesmo que um tanto inconscientes, que pretendiam transformar o ambiente, tornando o futebol feminino mais conformado ao local.

Se a percepção de pertencimento a uma classe social superior e a competência mínima de desempenho esportivo para garantir a fruição do jogo eram importantes para pertencer ao grupo, a identidade geracional era preponderante para a condição de liderança na turma. A regra em vigor era: as *Velhas* cuidam e ensinam, as *Novinhas* aprendem. Isso não era uma atitude deliberadamente perversa das líderes para manipular as circunstâncias que garantiam sua posição hegemônica, apesar do efeito caminhar nessa direção. Elas queriam proteger a tentativa das mais jovens de permanecer jogando, tendo como referência suas próprias experiências. A representação de ser importante superar obstáculos e vencer por conta própria para pertencer a um grupo esportivo legitimava a ação das líderes e fortalecia o processo de entrada na turma.

No contexto do estudo, mesmo sem a presença de homens, cada pretendente teria que aprender a se estabelecer em conjunção com a liderança e normas do grupo. Para além da intervenção pedagógica do professor, seria necessário que a iniciante encontrasse, por interpretação



própria, o seu caminho de inserção, que dependeria muito mais da aprovação das líderes do que da ordem diretiva do professor. Entende-se, enfim, que uma multiplicidade de identificações, além do gênero, devam ser equalizados para que um indivíduo pertença a um determinado grupo.

Bibliografia

BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CHAN-VIANNA, A. J. *Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto*. 2010. 240 pgs. (TESE DE DOUTORADO) – PPGEF/UGF, Rio de Janeiro.

CHAN-VIANNA, A. J., MOURA, D., MOURÃO, L.. *Educação física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica*. Revista Movimento (ESEF/UFRGS), América do Norte, 16, dec. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9492>>. Acesso em: 30 Jun.2010.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p.29 - 72.

STRAUSS, A. L. *Espelhos e máscaras: a busca de identidade*. São Paulo: EDUSP, 1999.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 97 -122.